

RESSALVA

Atendendo a solicitação da autora, Carla Araujo de Souza, o texto completo deste documento será disponibilizado somente a partir de 13/09/2026.

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA
FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS
CÂMPUS DE BAURU
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PARA A
CIÊNCIA**

CARLA ARAUJO DE SOUZA

**PEDAGOGIA DO CINEMA:
AUTOETNOGRAFIA DE UMA PROFESSORA DE CIÊNCIAS**

Bauru
2025

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PARA CIÊNCIA

CARLA ARAUJO DE SOUZA

PEDAGOGIA DO CINEMA: AUTOETNOGRAFIA DE UMA PROFESSORA DE CIÊNCIAS

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação para a Ciência, Área de concentração em Ensino de Ciências da Faculdade de Ciências – Unesp – Campus de Bauru como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Educação para Ciência.

Area de concentração: Ensino de Ciências

Orientador: Harryson Júnio Lessa Gonçalves

Bauru
2025

S729p

Souza, Carla Araujo de

Pedagogia do Cinema : Autoetnografia de uma professora de Ciências / Carla Araujo de Souza. -- Bauru, 2025

133 p. : il.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências, Bauru

Orientador: Harryson Júnio Lessa Gonçalves

1. Antropologia. 2. Etnografia. 3. Cinema. 4. Ensino. I. Título.

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA TESE DE DOUTORADO DE CARLA ARAUJO DE SOUZA, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PARA A CIÊNCIA, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS - CÂMPUS DE BAURU.

Aos 12 dias do mês de setembro do ano de 2025, às 9h, por meio de Videoconferência, realizou-se a defesa de TESE DE DOUTORADO de CARLA ARAUJO DE SOUZA, intitulada **Cinema em Cena: Autoetnografia sobre a Pedagogia do Cinema no Ensino de Ciências**, sob orientação do Prof. Dr. Harryson Júnio Lessa Gonçalves. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Prof. Dr. HARRYSON JÚNIO LESSA GONÇALVES (Orientador - Participação Virtual) do Departamento de Didática da Faculdade de Filosofia e Ciências da Unesp, Câmpus de Marília, Profa. Dra. ROSEMARY RODRIGUES DE OLIVEIRA (Participação Virtual) do Departamento de Economia, Administração e Educação da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias da Unesp, Câmpus de Jaboticabal, Profa. Dra. ANA CLÉDINA RODRIGUES GOMES (Participação Virtual) do Instituto de Educação Matemática e Científica da Universidade Federal do Pará (UFPA), Profa. Dra. DEISE APARECIDA PERALTA (Participação Virtual) do Departamento de Economia, Administração e Educação da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias da Unesp, Câmpus de Jaboticabal, Prof. Dr. RENE RODRIGUEZ LOPEZ (Participação Virtual) do Departamento de Produção Audiovisual das Faculdades Integradas de Bauru. Após a exposição pela doutoranda e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma virtual, a discente recebeu o conceito final: APROVADO. A banca aprovou a alteração do título da tese para **Pedagogia do Cinema: Autoetnografia de uma Professora de Ciências**. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo Presidente da Comissão Examinadora.

Documento assinado digitalmente
 HARRYSON JÚNIO LESSA GONÇALVES
Data: 10/11/2025 10:32:09-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr. HARRYSON JÚNIO LESSA GONÇALVES

*Aos meus avós, Maria e José, exemplo de
tudo que quero ser na vida. Com amor, respeito e
eterna admiração.*

Dedico.

AGRADECIMENTOS

Os agradecimentos sempre são um momento delicado e bonito da escrita. É quando a gente olha para trás e percebe que nenhuma caminhada — e muito menos a do doutorado — é feita sozinha. É também quando a gente escreve com o coração na ponta dos dedos, puxando da memória as pessoas que estiveram conosco nos dias bons e, principalmente, nos dias difíceis. Em primeiro lugar, sem nenhuma dúvida, agradeço à minha mãe, Cleonice. Pela força, pelo cuidado, pela coragem e pelo jeito único de ser. Desde que entrei na escola, ela esteve ali — me ajudando com as tarefas, segurando a minha mão e mostrando que era possível. Nada disso existiria sem você.

Agradeço à minha esposa, Maria Luiza, minha parceira de vida, minha melhor amiga. Por ter atravessado comigo as noites insones, as crises de ansiedade, os choros escondidos e as alegrias inesperadas. Obrigada por ter me dado espaço e confiado em mim até quando eu mesma duvidava. Você é meu abrigo e meu horizonte.

Ao meu orientador, Harryson, deixo minha gratidão profunda por doze anos de caminhada juntos. Não é só orientação, é companheirismo, é afeto, é escuta generosa. Você é luz para quem está por perto e foi farol em muitos dos meus dias nublados.

Aos meus familiares, minha base, minha rocha e meu porto seguro — obrigada por tudo. Vocês são meu alicerce e o que há de mais importante na minha vida.

Aos meus amigos que atravessaram essa jornada comigo (e tantas outras): Igor, Jhemerson, Julia, Mayanna, Paulo Gabriel, Roberta, Bianca Boni, Bianca Kadry, Rafael e Victor — obrigada por segurarem comigo a primavera nos dentes. E aqui eu deixo um trecho da Ana Suy que diz tudo sobre o que é amizade: *“Quantas vidas não foram salvas por amigos? Tendo a pensar que nossos amigos são aquelas pessoas que conhecem partes nossas que, por vezes, ficam de fora da parceria romântica.”* Obrigada por terem me salvado incontáveis vezes.

Aos membros-amigos do NIPAC, GPAE, NABISA e NUGENS, obrigada por vibrarem a cada pequena conquista, por serem rede, elo e afeto. A ciência também se faz com amizade e alegria.

Agradeço aos professores Rosemary, Deise, Rene, Luciana, Ana Clédina, Klinger e Liliane por aceitarem fazer parte da banca e, com isso, também da história deste trabalho. Obrigada pela generosidade e pelo olhar atento.

E, por fim, agradeço a todos os meus guias — visíveis e invisíveis — que não me deixaram em nenhum momento. Este trabalho também é fruto dessa fé.

— *“Não confunda briga com luta. Briga tem hora pra acabar, luta é pra vida inteira. Sérgio Vaz.” - Foi a professora que passou pra gente e eu me identifiquei bastante. Querendo ou não a minha luta é pra sempre.*

Personagem Natasha, interpretada por Linn da Quebrada na série Segunda Chamada (2019).

RESUMO

Esta tese tem como objetivo desenvolver uma autoetnografia sobre o uso da linguagem cinematográfica no ensino de ciências, propondo diretrizes para a integração do cinema em todas as etapas de sua produção — desde a concepção do roteiro até a edição final do filme — como possibilidade pedagógica no contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA). A pesquisa nasce da prática de uma professora de Biologia em uma escola pública paulista, atravessada por vivências pessoais e profissionais com o cinema, e se sustenta na escrita de um caderno de campo mantido durante seis meses de aulas. Esses registros foram posteriormente transformados em roteiros cinematográficos, acionando memórias e afetos que, articulados à revisão bibliográfica e à análise de teses e dissertações sobre o tema, compõem a base empírica e teórica da investigação. A tese reconhece os atravessamentos da colonialidade nas formas hegemônicas de ensinar, produzir e consumir cinema, e propõe a valorização da linguagem audiovisual como campo legítimo de conhecimento, expressão e formação docente. Ao assumir o cinema como linguagem viva — estética, política e sensível —, a pesquisa defende que o processo de formação docente pode (e deve) acontecer também na prática, no improviso, na escuta e na criação compartilhada.

Palavras-chave: autoetnografia; cinema e educação; ensino de ciências.

ABSTRACT

This dissertation aims to develop an autoethnography on the use of cinematographic language in science education, proposing guidelines for integrating cinema into all stages of its production — from script conception to final film editing — as a pedagogical possibility within the context of Youth and Adult Education (EJA). The research emerges from the practice of a Biology teacher in a public school in São Paulo, shaped by personal and professional experiences with cinema, and is grounded in the writing of a field journal kept over six months of classes. These records were later transformed into film scripts, activating memories and affections that, when articulated with the literature review and the analysis of theses and dissertations on the subject, compose the empirical and theoretical foundation of the investigation. The dissertation acknowledges the influences of coloniality in the hegemonic ways of teaching, producing, and consuming cinema, and advocates for the appreciation of audiovisual language as a legitimate field of knowledge, expression, and teacher education. By embracing cinema as a living language — aesthetic, political, and sensitive — the research argues that teacher education can (and should) also take place through practice, improvisation, listening, and shared creation.

Keywords: autoethnography; cinema and education; science teaching.

RESUMEN

Esta tesis tiene como objetivo desarrollar una autoetnografía sobre el uso del lenguaje cinematográfico en la enseñanza de las ciencias, proponiendo directrices para la integración del cine en todas las etapas de su producción —desde la concepción del guion hasta la edición final de la película— como una posibilidad pedagógica en el contexto de la Educación de Jóvenes y Adultos (EJA). La investigación surge de la práctica de una profesora de Biología en una escuela pública paulista, atravesada por experiencias personales y profesionales con el cine, y se sostiene en la escritura de un cuaderno de campo mantenido durante seis meses de clases. Estos registros fueron posteriormente transformados en guiones cinematográficos, activando memorias y afectos que, articulados con la revisión bibliográfica y el análisis de tesis y disertaciones sobre el tema, conforman la base empírica y teórica de la investigación. La tesis reconoce los atravesamientos de la colonialidad en las formas hegemónicas de enseñar, producir y consumir cine, y propone la valorización del lenguaje audiovisual como un campo legítimo de conocimiento, expresión y formación docente. Al asumir el cine como un lenguaje vivo —estético, político y sensible—, la investigación sostiene que el proceso de formación docente puede (y debe) ocurrir también en la práctica, en el improviso, en la escucha y en la creación compartida.

Palabras clave: autoetnografía; cine y educación; enseñanza de las ciências.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Representação da curva dramática de um filme.....	14
Figura 2 - Exemplo de uma estrutura de roteiro.....	55
Figura 3 - Desenho feito por um aluno em sala de aula.....	81
Figura 4 - Esboço de um story board feito pelo aluno.....	81
Figura 5 - Aluno fazendo um boneco de stop motion.....	87
Figura 6 - Bonecos feitos durante o teste para o stop motion.	87
Figura 7 - Alunos gravam os diálogos do curta.....	95
Figura 8 - Etapas da convecção do boneco utilizado no stop motion.....	97
Figura 9 - Cenário e enquadramento para a gravação.....	98
Figura 10 - Fragmento de uma sequência do stop motion.....	100

SUMÁRIO

Apresentação.....	13
PARTE I: Pré-produção.....	16
Tramas visuais e científicas - Meus Atravessamentos com o Cinema e o ensino de ciências	17
Início.....	17
Complicação	23
Clímax.....	28
Conclusão	30
PARTE II - Produção	37
Tramas ressonantes - Linguagem cinematográfica no ensino de ciências: polifonia de vozes	39
Notas introdutórias.....	39
Quem trilhou os caminhos das pedras	41
<i>Cine com Ciência: a experiência de Erizaldo Pimentel</i>	<i>41</i>
<i>Cinema e formação: a tessitura de Maria Aparecida Pereira Rodrigues</i>	<i>42</i>
<i>Transversalidades do sensível: Gustavo Jardim e os ensaios da invenção</i>	<i>43</i>
<i>Produção, autoria e docência: Cíntia Varella e o gesto de ensinar com a câmera na mão</i>	<i>44</i>
<i>Imagens que explicam: Maximiliano Mendes e o cinema como suporte didático</i>	<i>45</i>
<i>Ciência em stop motion: Priscila Ernst e o cinema de animação.....</i>	<i>46</i>
Entre cortes e entraves: desafios no uso do cinema no ensino de Ciências	47
<i>Formação docente limitada para o trabalho com linguagem audiovisual</i>	<i>48</i>
<i>Condições materiais precárias nas escolas públicas</i>	<i>48</i>
<i>Tempo pedagógico reduzido para práticas criativas</i>	<i>49</i>
<i>Invisibilidade institucional das práticas com cinema</i>	<i>49</i>
Entre ecos e fissuras	50
Tramas pessoais - Relatos autoetnográficos de uma professora de biologia	52
Cinema de A à Z.....	57
Sinopse	58
Argumento – Cinema de A à Z	58
Personagens	59
Locações	60

Episódio Piloto	61
Episódio 2.....	67
Episódio 3.....	72
Episódio 4.....	74
Episódio 5.....	77
Episódio 6.....	82
Episódio 7.....	90
Episódio 8.....	96
Episódio 9.....	103
Episódio Final	107
Epílogo	111
Parte III – Pós-produção.....	113
Montagem - Entre imagens vividas e vozes partilhadas	114
Introdução à montagem.....	114
Montagem analítica dos relatos: o que os filmes da minha prática revelam	115
<i>A formação que acontece na prática.....</i>	<i>116</i>
<i>Cinema com pouco: estética e política da precariedade</i>	<i>118</i>
<i>Tempo espremido e criação expandida.....</i>	<i>119</i>
<i>Reconhecimento e resistência: o lugar do cinema na escola.....</i>	<i>120</i>
<i>Travellings e cortes: o que permaneceu e o que se perdeu</i>	<i>121</i>
Ressonâncias e deslocamentos: o que minha prática diz à pesquisa e vice-versa.....	122
Considerações da montagem	124
Ação - O filme que continua	126
Referências	129

APRESENTAÇÃO

O texto apresentado é o resultado de uma investigação de doutorado, cujo desenvolver uma autoetnografia sobre o uso da linguagem cinematográfica no ensino de ciências, propondo diretrizes para a integração do cinema em todas as suas etapas de produção – desde a concepção do roteiro até a montagem final do filme – como possibilidade pedagógica no ensino de ciências.

A pesquisa tem sua origem nas vivências e interseções da pesquisadora, roteirista, filmmaker, entusiasta da sétima arte e professora que atua no ensino médio na modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA) ministrando a disciplina de Biologia que longo de sua trajetória, questionou os motivos pelos quais o cinema e sua linguagem não têm uma presença mais marcante na sala de aula.

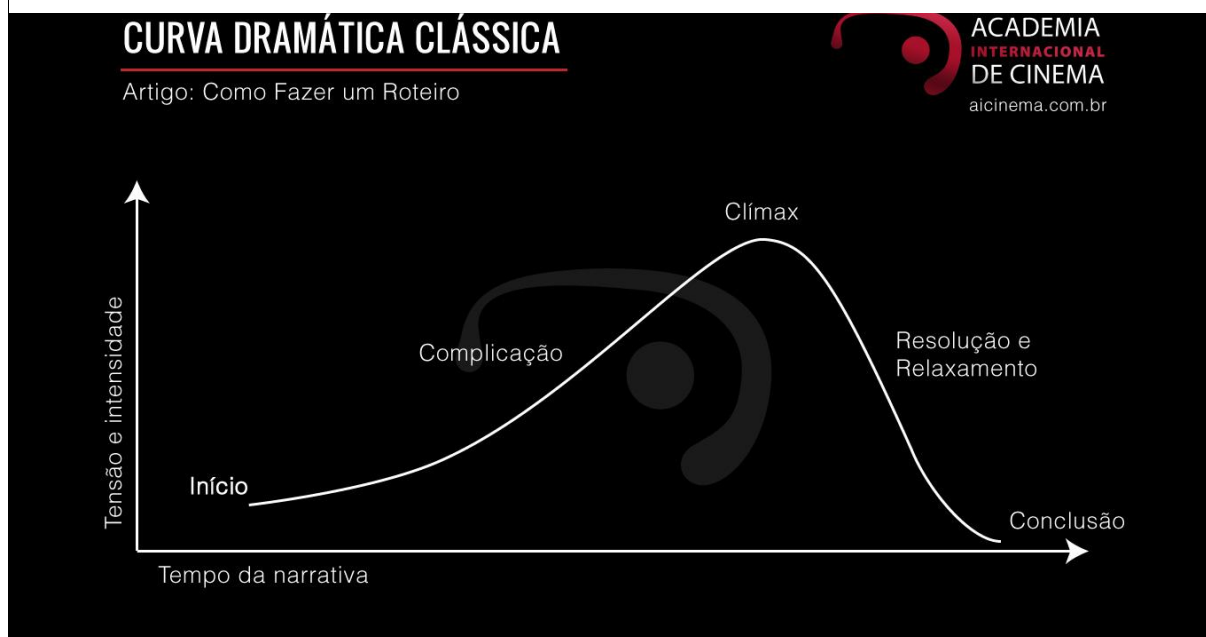
O estudo está sendo conduzido por meio de anotações e vivências da pesquisadora, professora e autora da tese, que relata, por meio de relatos autoetnográficos, como introduziu a linguagem cinematográfica em suas aulas de Biologia no ensino médio, especialmente na modalidade Educação de Jovens e Adultos.

É importante destacar que esta tese desafia padrões normativos comumente empregados no desenvolvimento de pesquisas científicas. Trata-se de uma desobediência epistêmica que busca alimentar propostas alternativas no âmbito do desenvolvimento científico, rompendo com amarras científicas promovidas pela colonialidade.

Uma pesquisa como esta revela sua relevância ao observar a realidade de uma escola pública paulista, na modalidade EJA, que, por vezes, carece de recursos e até mesmo de um currículo estruturado no estado de São Paulo.

A seguir, apresento a estrutura e organização da pesquisa, dividida em três partes, denominadas em referência às etapas de uma produção audiovisual: Pré-produção, produção e pós-produção. O primeiro capítulo da tese é subdividido em Início, complicação, clímax e conclusão, aludindo às fases da curva dramática clássica no desenvolvimento de um filme (fig 1).

Figura 1 - Representação da curva dramática de um filme.



Fonte: Academia Internacional de Cinema.¹

Parte 1 – Pré-produção: A fase de pré-produção em uma obra audiovisual é marcada por processos de criação, organização e seleção. Neste estudo, esta etapa constitui a parte em que exploraremos os cruzamentos da pesquisadora com a área de cinema e ensino de ciências, destacando as experiências que a conduziram por esse caminho e culminaram na pesquisa apresentada. Aqui, será apresentado como a pesquisa foi delineada e os objetivos que orientam a jornada de doutoramento. Além disso, nesta seção, realizam-se reflexões sobre a autoetnografia, proporcionando ao leitor uma compreensão das concepções autoetnográficas que permeiam o desenvolvimento da pesquisa. Por fim, são apresentados os fundamentos teórico-metodológicos essenciais para o desenvolvimento do trabalho neste capítulo introdutório.

Parte II – Produção: A etapa de produção de um filme é o momento em que a obra começa a ganhar forma, marcado pelo processo de filmagem. Nesta pesquisa, esta fase será fundamentada na empiria e nas reflexões relacionadas à área proposta pelo trabalho

Parte III – Pós-produção: A etapa de pós-produção é o estágio em que inúmeras horas de filmagem se metamorfoseiam naquilo que é exibido nas telas do cinema. Nesse momento, profissionais constroem uma narrativa coesa, transformando centenas de horas de trabalho em uma apresentação cinematográfica. Na presente pesquisa, essa fase representa o momento crucial para expor as convergências da minha experiência, convertendo extensas jornadas de

¹ Disponível em: <https://www.aicinema.com.br/como-fazer-um-roteiro/>

esforço e inúmeras páginas de relatos em subsídio para a proposição da utilização da linguagem cinematográfica no ensino de ciências.

Então, preparem suas pipocas, silenciem os celulares e venham pois o filme já vai começar!



AÇÃO

O filme que continua

O uso do termo “Ação” como nome da última seção da tese é, ao mesmo tempo, uma homenagem à linguagem cinematográfica e uma afirmação política. No cinema, a palavra "ação" marca o início da cena: é o momento em que as câmeras gravam, os corpos se movem e as ideias ganham forma no tempo presente. Ao escolher esse termo para encerrar a tese, reafirmo que a pesquisa aqui construída não se encerra na reflexão, mas se projeta para o mundo como gesto, como movimento, como continuidade. Ação, aqui, é o que acontece quando o conhecimento se transforma em prática; quando a escrita se desdobra em proposição; quando o filme-tese encontra o cotidiano escolar. É o chamado à continuidade daquilo que começou como relato e se torna proposição de uma pedagogia do cinema em ciências, encarnada, situada e comprometida com a transformação.

Chegar até aqui foi, sem dúvida, um processo — de falas, silêncios, imagens, encontros, tentativas e também de ausências. Ao iniciar esta pesquisa, meu objetivo era compreender como a linguagem cinematográfica poderia ser mobilizada de forma potente no ensino de ciências, especialmente na Educação de Jovens e Adultos. Mas ao longo do caminho, percebi que esse objetivo não era apenas um ponto de chegada: era, sobretudo, um motor que me moveu a criar, experimentar, escrever e sentir.

A autoetnografia me permitiu reconhecer que a prática docente é sempre atravessada por tensões e por beleza. Ao transformar relatos de sala de aula em roteiros, revisitar emoções, conversar com outras vozes da pesquisa e escutar o que a produção acadêmica tem a dizer sobre o cinema no ensino de ciências, eu fui costurando um saber que não se impõe, mas que propõe. Um saber que não busca a generalização, mas a aproximação. E é dessa aproximação que emergem as proposições que desejo partilhar.

Primeiro, reafirmo que o cinema deve ser reconhecido como uma linguagem legítima de produção de conhecimento no ensino de ciências — não apenas como recurso ilustrativo,

mas como forma de narrar, sentir, argumentar e produzir sentidos. Ao longo desta tese, ficou evidente que o cinema, quando trabalhado de forma intencional e criativa, possibilita que estudantes e professores explorem a dimensão epistemológica do conhecimento científico de modo plural, acessível e crítico. A produção audiovisual em sala de aula não é um desvio da aprendizagem, mas um caminho potente para ela — pois envolve múltiplas linguagens, ativa o corpo, convoca a emoção, exige posicionamento e escuta. O cinema permite que o conhecimento seja habitado, encenado e reencarnado, tornando-se parte da experiência vivida. Reivindicar o cinema como prática pedagógica no ensino de ciências é, portanto, defender uma ciência que se comunica, que provoca, que afeta e que reconhece a diversidade de formas de conhecer o mundo.

Segundo, proponho que a formação docente em ciências incorpore dimensões estéticas, sensíveis e colaborativas, valorizando processos de criação em vez de manuais de aplicação. A prática com cinema revelou que ensinar exige, antes de tudo, abertura ao inesperado, disponibilidade para o erro e escuta do coletivo. A formação técnica é importante, mas não basta. Professores precisam ter espaço para experimentar, para criar, para errar junto com seus alunos. Os saberes localizados e práticas implicadas desafiam os modelos de formação que seguem pautados por uma racionalidade instrumental e produtivista. Criar com cinema é se formar em movimento — uma formação que acontece no corpo, na troca, na imagem e na palavra. Ao assumir esse compromisso estético e político, a formação docente passa a reconhecer o professor como sujeito criador, e não apenas executor de conteúdo.

Terceiro, defendo que é preciso deslocar o olhar sobre a prática docente. Os relatos autoetnográficos que compõem esta tese revelaram que as maiores transformações não ocorreram apenas nas aulas planejadas com antecedência, mas nos pequenos gestos de escuta, nos improvisos compartilhados, nas cenas em que o afeto atravessou a lógica do planejamento. A docência é, como o cinema, feita de cortes, enquadramentos e montagem — e reconhecer isso é também desafiar as formas como o trabalho docente tem sido vigiado, mensurado e simplificado pelas políticas educacionais vigentes. Como afirma Libâneo (2001), a pedagogia precisa ser pensada como prática complexa, sensível e situada, capaz de acolher a multiplicidade dos tempos e dos sujeitos. Valorizar os bastidores do ensino — aquilo que não entra nos relatórios, mas que sustenta o vínculo e a aprendizagem — é um ato político que resgata o sentido de educar como encontro e como criação.

E por fim, destaco que essa tese é atravessada por mim, por minha história, por meu corpo em sala de aula, pelas vozes que escutei, pelas imagens que montei e pelas palavras que, aos poucos, fui aprendendo a confiar. Cada capítulo aqui apresentado foi pensado, escrito,

reescrito e vivido por mim, Carla Araujo de Souza, mulher, professora, cineasta, pesquisadora e aprendiz constante do ato de ensinar.

Optei conscientemente por uma escrita em primeira pessoa, situada, sensível e reflexiva, porque acredito — e defendo — que a pesquisa em educação não precisa ser fria, neutra ou distante para ser rigorosa. Ao contrário: quando nos implicamos no processo, quando escrevemos com o corpo todo, assumimos com mais responsabilidade os sentidos que produzimos. É esse gesto que move minha tese.

As referências utilizadas foram todas lidas, estudadas e articuladas com cuidado. Os relatos de experiência foram vividos por mim, e os textos que costuram este trabalho foram gestados ao longo de um percurso que começou muito antes do doutorado e que certamente seguirá para além dele.

Se este texto se diferencia de certas convenções acadêmicas, é porque ele é também uma resposta política àqueles que acreditam que só há uma forma legítima de pesquisar ou de escrever. Reivindico aqui, com todas as letras, o direito de escrever como mulher, professora, artista e pesquisadora — sem me apagar, sem me esconder, e sem renunciar ao rigor ético, teórico e metodológico que a pesquisa exige.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de; PRADO, Maria Elisabette Brisola Brito. **Tecnologia e Currículo: Trajetórias Convergentes e Práticas Divergentes**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2011.

ANCINE - Agência Nacional do Cinema. **Anuário Estatístico do Audiovisual Brasileiro de 2022**. [S. l.], 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/ancine/pt-br/oca/publicacoes-1>. Acesso em: 15 jan. 2024.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: Benjamin, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 2018.

CABRERA, Julio. **De Hitchcock a Greenaway pela história da filosofia: novas reflexões sobre cinema e filosofia**. São Paulo: Nankin, 2007.

COFFEY, Amanda; ATKINSON, Paul. Analysing documentary realities. **Qualitative research: Theory, method and practice**, p. 56-75, 2004.

CUNHA, Olívia Maria Gomes da. "Tempo imperfeito: etnografia do arquivo." **Mana – Estudos de Antropologia Social**, vol. 10, 2004, pp. 287-322.

DUARTE, Rosália. **Cinema e educação: Reflexões sobre a prática pedagógica**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2009. p. 67.

ELLIS, Carolyn; ADAMS, Tony E.; BOCHNER, Arthur P. Autoethnography: an overview. **Forum: Qualitative Social Research Sozialforschung**, v. 12, n.1, 2011. pp. 1-18.

ERNST, Priscila. **Cinema e Ensino: a produção de cinema de animação para o ensino de Ciências por meio do enfoque CTS**. 2017. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Tecnologia) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Ponta Grossa, 2017.

FANTIN, Mônica. **O cinema vai à escola: Práticas de educação e comunicação**. Campinas: Editora Papirus, 2007. p. 45.

FANTIN, Monica. **Cultura digital e práticas pedagógicas: uma relação em construção**. Educ. rev., Belo Horizonte, n. 31, p. 53-71, abr. 2015.

FIELD, Syd. **Manual do Roteiro: Os Fundamentos do Texto Cinematográfico**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. 45ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

GAMA, Fabiene. A autoetnografia como método criativo: experimentações com a esclerose múltipla. **Anuário Antropológico**, v. 45, n. 2, 2020, pp. 188-208.

GAMA, Fabiene; RAIMONDI, Gustavo Antonio; BARROS, Nelson Filice de. Apresentação-Autoetnografias, escritas de si e produções de conhecimentos corporificadas. **Sexualidad, Salud y Sociedad**. Rio de Janeiro, 2021.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOMES, Paulo Emílio Sales. Cinema: Trajetória do Subdesenvolvimento. In: **Cinema e Política**. São Paulo: Penguin Classics & Companhia das Letras, 2021, p. 123-142.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n. 5, p. 7-41, 1995.

HOLLEBEN, Índia Mara Aparecida Dalavia de Souza. Cinema & Educação: Diálogo Possível. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/462-2.pdf>. Acesso em: jul. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: Cultura 2018-2019. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101707.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2024.

JARDIM, Gustavo. **A produção de vídeos e a formação continuada de professores de Ciências**. 2016. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

LAURETIS, Teresa. Através do espelho: mulher, cinema e linguagem. **Estudos Feministas**, v.1, n. 1, p. 96-122, 1993.

LEANDRO, Anita. Da imagem pedagógica à pedagogia da imagem. **Comunicação & Educação**, n. 21, p. 29-36, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas. **Educar em Revista**, n. 17, p. 153-176, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos. **A organização e a gestão da escola: teoria e prática**. 6. ed. Goiânia: Alternativa, 2013.

LIMA, José. Cine Educação: **A prática do cinema na escola**. São Paulo: Editora Moderna, 2016. p. 134.

MALINOWSKI, Bronisław. **Argonautas do pacífico ocidental**. Ubu Editora LTDA-ME, 2018.

MARTIN, Marcel. **A Linguagem Cinematográfica**. 4. ed. Lisboa: Dinalivro, 2005. 165 p.

MELO, Ana Claudia da Cruz; SILVA, Carmen Lucia Souza da. Cinema Brasileiro entre a Lógica da Colonialidade e as Práticas Decoloniais. In: PRUDENTE, Celso Luiz; ALMEIDA, Rogério de (Org.). **Cinema Negro: Uma Revisão Crítica das Linguagens**. São Paulo: FEUSP, 2022, p. 60-79.

MENDES, Luiz Otavio Rodrigues; PEREIRA, Ana Lucia. Revisão sistemática na área de Ensino e Educação Matemática: análise do processo e proposição de etapas. **Educação Matemática Pesquisa**, São Paulo, v. 22, n. 3, p. 196-228, 2020.

MENDES, Maximiliano Augusto de Araujo. **Produção e utilização de animações e vídeos no ensino de biologia celular para a 1ª série do ensino médio**. 2010. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências) – Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

MÉSZÁROS, István. **Educação para além do capital**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

MIGNOLO, Walter D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. **Revista brasileira de ciências sociais**, v. 32, 2017.

MIRANDA, Carlos Eduardo Albuquerque. Fazer cinema na educação uma utopia em construção. **Revista Contemporânea de Educação**, v. 5, n. 9, p. 39-52, 2010.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 22.

PAULILO, André Luiz. A leitura, o cinema e os processos educativos na obra de Jonathas Serrano: problemas metodológicos e precauções morais da pedagogia nos anos 1910-30. **História da Educação**, v. 6, n. 11, p. 169-192, 2002. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4891525>. Acesso em: jul. 2024.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Revista Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 20, n. 42, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/n8ypMvZZ3rJyG3j9QpMyJ9m/?lang=pt>. Acesso em: 23 jan. 2024.

PIMENTEL, Erizaldo Cavalcanti Borges. **Cine com Ciência: Luz, Câmera... Educação!**. 2013. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

PRIOR, Lindsay. Using documents in social research. **Qualitative research**, p. 171-185, 2016.

RODRIGUES, Maria Aparecida Pereira. **Aprendizagens possíveis por meio da linguagem cinematográfica: cinema e educação**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 2016.

RUSSELL, Catherine. **Experimental Ethnography: The Work of Film in the Age of Video**. Durham: Duke University Press, 1999.

SILVA, Marcos; RAMOS, Alcides Freire. Apresentação – História: o ensino dos filmes. In: SILVA, Marcos; RAMOS, Alcides Freire (Orgs). **Ver história: o ensino vai aos filmes**. São Paulo: Hucitec, 2011. p. 11-3.

SILVA, Wesley Valentim Anacleto da. **Precarização da educação e da atividade docente: o caso da rede estadual paulista**. In: PEREIRA, Joana; RIBEIRO, Felipe (org.). **Educação e precarização do trabalho docente no Brasil: múltiplas dimensões**. Campinas: Mercado de Letras, 2023. p. 193–214.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educação para as mídias: uma proposta latino-americana. **Revista Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 93-102, 2012.

VARELLA, Cíntia Ribeiro Cravinho. **Análise das possibilidades da linguagem audiovisual na prática pedagógica da Biologia**. 2019. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

VIANNA, Adiana de Barreto Resende. Etnografando documentos: Uma antropóloga em meio a processos judiciais. In: CASTILHO, Sérgio; SOUCA LIMA, Antonio Carlos de; TEIXEIRA, Carla Costa (Orgs.). **Antropologia das Práticas de Poder**: reflexões etnográficas entre burocratas, elites e corporações. Rio de Janeiro, Contra Capa/FAPERJ, p. 43-70, 2014.

XAVIER, Ismail. **O discurso cinematográfico: opacidade e transparência**. Rio de Janeiro: Contracampo, 2008.